

RADAR ESGlaw

ESGlaw

RELATÓRIO DE MERCADO & ANÁLISE JURÍDICA

A SAGA DOS FERTILIZANTES

Choques globais, dependência externa e repercussões econômicas e jurídicas para o agronegócio brasileiro em 2026.

Por Rafaela Aiex Parra
Advogada e Executiva ESGlaw

Sumário Executivo

O Brasil importa cerca de 85% dos fertilizantes que consome — uma dependência que transforma choques distantes em custo, prazo e risco contratual dentro da porteira.

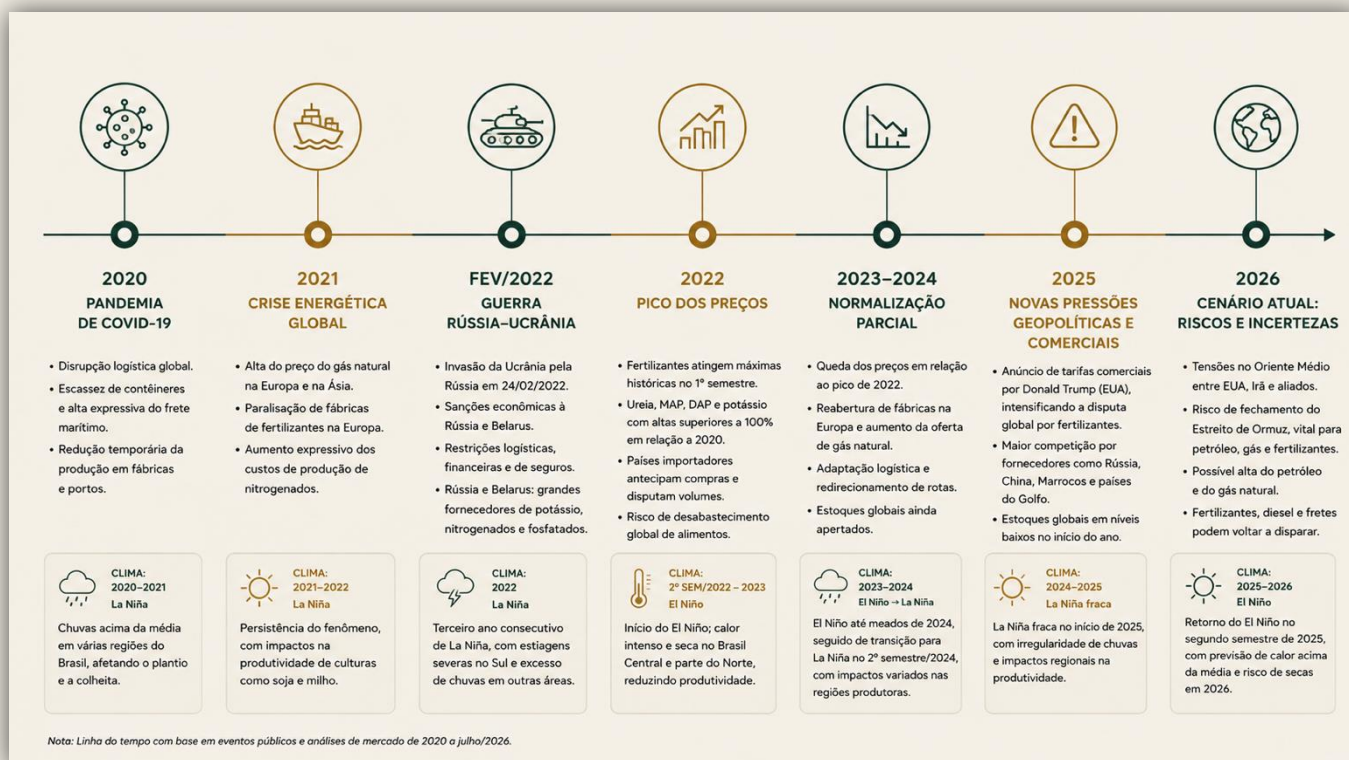
O Brasil importa cerca de **85%** dos fertilizantes que consome e está exposto a um mercado internacional concentrado, dependente de energia e sensível a decisões comerciais e geopolíticas. A pandemia de Covid-19 evidenciou essa fragilidade: a desorganização logística, a escassez de contêineres e o aumento dos fretes elevaram o custo de movimentação de insumos, enquanto a retomada desigual das economias pressionou o preço do gás natural, principal insumo da produção de amônia.

O cenário se agravou em 2021, com a crise energética europeia, e recebeu novos fatores de instabilidade com a invasão russa da Ucrânia, em fevereiro de 2022. Rússia e Belarus ocupam posições relevantes no comércio de fertilizantes; ainda que não integralmente sancionados, os fluxos enfrentaram restrições financeiras e logísticas que elevaram a percepção de risco em todo o mercado.

O Brasil preservou o abastecimento em 2022 por meio de antecipação de compras e diversificação de fornecedores, mas não escapou da transmissão dos preços internacionais aos custos domésticos — o que elevou o custo por hectare, ampliou a necessidade de capital de giro e deteriorou a relação de troca para diversas culturas.

A partir do segundo semestre de 2022 os preços iniciaram acomodação, prolongada em 2023 e 2024, mas de forma incompleta. Em 2025 o mercado voltou a registrar pressão relevante, e no primeiro trimestre de 2026 o índice de fertilizantes do Banco Mundial subiu mais de 12%, atingindo em março o maior nível mensal desde 2022 — movimento acompanhado, no Brasil, por preço médio de importação de US\$ 393,10 por tonelada em abril de 2026 (+16,1% frente a abril de 2025).

Do ponto de vista jurídico, o aumento de preços não autoriza, por si só, a revisão ou o descumprimento de contratos. A análise depende da matriz de riscos pactuada, da natureza da obrigação e da previsibilidade e intensidade do impacto econômico. Cláusulas de reajuste, bandas de preço, hardship e força maior, bem redigidas, tendem a reduzir litígios e conferir maior previsibilidade às operações do agronegócio.



■ Introdução — A dependência estrutural brasileira

O mercado de fertilizantes ocupa posição estratégica na economia agropecuária brasileira. A disponibilidade, o preço e as condições de aquisição desses insumos interferem diretamente no planejamento da safra, na necessidade de capital de giro, na contratação de crédito e na margem econômica das atividades agrícolas. Em um país que importa aproximadamente 85% dos fertilizantes que utiliza, alterações na oferta internacional são rapidamente transmitidas às operações rurais, ainda que sua origem esteja distante dos centros brasileiros de produção.

Essa vulnerabilidade não teve início com a pandemia ou com a invasão da Ucrânia. Os acontecimentos ocorridos a partir de 2020 tornaram apenas mais visível uma característica anterior da agricultura brasileira: a expansão da produção de grãos foi acompanhada por crescente exposição a cadeias internacionais concentradas, sujeitas ao custo da energia, à disponibilidade de transporte marítimo, às políticas comerciais de países exportadores e à ocorrência de conflitos geopolíticos.

Quadro — Nitrogênio, fósforo e potássio

Nutriente	Função agrônômica	Fonte / risco de mercado
Nitrogênio (N)	Crescimento vegetativo e produtividade de grãos	Ureia; produzida a partir de gás natural — sensível ao preço da energia
Fósforo (P)	Desenvolvimento radicular e formação de sementes	Rocha fosfática e MAP/DAP — oferta concentrada em poucos países
Potássio (K)	Resistência a estresse hídrico e qualidade da produção	Cloreto de potássio (KCl) — Rússia e Belarus entre os maiores exportadores

■ Da pandemia à crise energética de 2021

Entre 2020 e 2021, a combinação de restrições logísticas, elevação dos fretes marítimos, escassez de contêineres e aumento do preço do gás natural — principal insumo da produção de amônia — já produzia pressão relevante sobre os preços dos fertilizantes, antes mesmo do agravamento geopolítico de 2022. A crise energética europeia levou à redução ou paralisação de plantas industriais na região, reduzindo a oferta disponível no mercado internacional.

A sucessão de crises ocorridas desde 2020 também acelerou a busca por alternativas capazes de reduzir a dependência de insumos importados. Nesse contexto, observou-se um fortalecimento do mercado de insumos biológicos e, mais recentemente, dos produtos de origem botânica, impulsionado tanto por avanços tecnológicos quanto pela necessidade de aumentar a eficiência no uso de fertilizantes e defensivos tradicionais. Essa evolução representa um movimento relevante para a agricultura brasileira e tende a ganhar espaço nos próximos anos. Entretanto, é importante reconhecer que essas tecnologias possuem finalidades distintas e, nas condições atuais, não são capazes de substituir a demanda por fertilizantes minerais em larga escala.

Os fertilizantes biológicos e bioinsumos podem contribuir para a maior disponibilidade e eficiência de absorção de nutrientes, reduzir perdas e complementar estratégias de manejo, mas ainda não suprem, isoladamente, a elevada necessidade nutricional das principais culturas agrícolas brasileiras.

Assim, apesar dos avanços observados, a segurança da produção nacional continua fortemente vinculada ao abastecimento regular de fertilizantes minerais, mantendo a cadeia produtiva exposta às oscilações do mercado internacional.

■ A guerra entre Rússia e Ucrânia e o choque de 2022

A invasão russa da Ucrânia, em fevereiro de 2022, agregou novos fatores de instabilidade a um mercado já tensionado. Rússia e Belarus ocupam posições relevantes no comércio internacional de fertilizantes e matérias-primas; embora alimentos e fertilizantes não tenham sido integralmente submetidos às sanções ocidentais, restrições financeiras, securitárias, portuárias e logísticas dificultaram as operações. O choque atingiu produtores de diversos países, gerando preocupação quanto à redução do uso de nutrientes e ao encarecimento dos alimentos. O Brasil preservou o abastecimento por meio de antecipação de compras e diversificação de origens, mas não evitou a transmissão dos preços internacionais às operações domésticas.

■ Normalização parcial (2023–2024) e nova pressão (2025–2026)

A partir do segundo semestre de 2022, os preços internacionais iniciaram trajetória de acomodação. A redução do custo do gás em determinados mercados, a reorganização parcial dos fluxos comerciais e a adaptação das cadeias logísticas contribuíram para o recuo observado em 2023 e 2024. Essa normalização, contudo, foi incompleta: os preços permaneceram sujeitos a restrições comerciais, concentração da oferta, custos energéticos e instabilidade geopolítica.

Em 2025, o índice de preços de fertilizantes do Banco Mundial apresentou elevação próxima de 18% no ano. Os fosfatados registraram valorização especialmente relevante em determinados períodos, enquanto a ureia permaneceu sensível à disponibilidade de gás natural. O movimento se intensificou no início de 2026: o índice subiu mais de 12% no primeiro trimestre, alcançando em março seu maior nível desde 2022. No Brasil, o preço médio de importação atingiu US\$ 393,10 por tonelada em abril de 2026 – 16,1% acima do mesmo mês de 2025.

A diferença para 2022 é que, agora, os riscos voltaram a se manifestar simultaneamente.

No campo climático, o retorno do El Niño após um longo período de La Niña alterou o comportamento das principais regiões agrícolas do planeta. Oscilações no regime de chuvas, eventos extremos e mudanças nas perspectivas de produtividade influenciam diretamente as expectativas de oferta e demanda de alimentos e, consequentemente, o planejamento da indústria global de fertilizantes. Em momentos de maior incerteza climática, produtores tendem a antecipar compras ou ampliar estratégias de proteção, aumentando a pressão sobre o mercado internacional.

Ao mesmo tempo, a política comercial voltou a ocupar posição central na dinâmica dos insumos agrícolas. O anúncio de novas tarifas pelo governo norte-americano, liderado por Donald Trump, reacendeu a disputa internacional por fertilizantes, levando grandes importadores a buscar alternativas de abastecimento e reforçando a competição por fornecedores estratégicos, especialmente Rússia, China e Marrocos. Para países altamente dependentes da importação, como o Brasil, qualquer reorganização dos fluxos globais tende a reduzir a previsibilidade do mercado e pressionar preços e prazos de entrega.

A escalada das tensões no Oriente Médio acrescenta um novo vetor de preocupação. A possibilidade de interrupções ou restrições à navegação no Estreito de Ormuz, corredor por onde transita parcela significativa do petróleo, do gás natural liquefeito e de produtos químicos utilizados na fabricação de fertilizantes, recoloca o custo da energia no centro da discussão. O aumento do preço do gás natural impacta diretamente a produção de fertilizantes nitrogenados, enquanto a valorização do petróleo repercute sobre o diesel, os fretes internacionais e a logística de distribuição de insumos.

Esses fatores não significam, necessariamente, a repetição da crise observada em 2022. O mercado hoje apresenta maior capacidade de adaptação, fornecedores diversificados e cadeias logísticas mais preparadas do que aquelas encontradas no início da guerra entre Rússia e Ucrânia. Ainda assim, a combinação entre instabilidade geopolítica, eventos climáticos extremos, disputas comerciais e pressão sobre os custos energéticos aumenta a probabilidade de novas oscilações nos preços internacionais, exigindo maior atenção dos agentes do agronegócio.

Pontos de atenção para a Safra 2026/2027

Evento e efeito sobre o mercado

Evolução do conflito no Oriente Médio e eventuais impactos sobre o Estreito de Ormuz.

Política tarifária dos Estados Unidos e seus reflexos na reorganização do comércio internacional de fertilizantes.

Comportamento do preço do gás natural, principal matéria-prima dos fertilizantes nitrogenados.

Evolução do fenômeno El Niño e seus impactos sobre produtividade, demanda por nutrientes e formação de estoques globais.

Câmbio e custo de importação dos fertilizantes para o mercado brasileiro.

Estratégias de compra antecipada, diversificação de fornecedores e revisão das matrizes de risco contratual.

Linha do tempo — 2020 a 2026

Período	Evento e efeito sobre o mercado
2020	Pandemia da Covid-19: desorganização logística, escassez de contêineres e alta dos fretes internacionais.
2021	Crise energética europeia eleva o preço do gás natural; produtores reduzem operação de plantas de amônia.
2022	Invasão russa da Ucrânia; sanções e restrições logísticas atingem Rússia e Belarus; preços no pico.
2023–2024	Acomodação parcial dos preços; normalização incompleta.
2025–2026	Novo ciclo de alta: +18% em 2025; +12% no 1º tri. 2026; importação em US\$ 393,10 /t em abril (+16,1%).

O entendimento do Superior Tribunal de Justiça - STJ

O STJ tem o entendimento consolidado de que a guerra e as oscilações cambiais não configuram, por si só, casos fortuitos ou de força maior para fins de cancelamento de contratos. O agricultor ou a trading que assumiu o risco de entrega futura deve arcar com o ônus, a menos que comprove a impossibilidade absoluta e direta de cumprimento.

■ O efeito econômico sobre a produção brasileira

A elevação do custo dos fertilizantes eleva os custos por hectare, amplia a demanda por capital de giro e deteriora a relação de troca quando os preços das commodities agrícolas não acompanham a valorização dos insumos. O cenário de 2026 coincide com margens mais estreitas, menor liquidez em parte das atividades agrícolas e postergação das compras de insumos para a safra 2026/2027. A perspectiva de nova alta não significa, por si só, repetição da crise de 2022, mas o mercado permanece exposto a riscos capazes de produzir oscilações relevantes, como alterações no preço da energia, novas restrições a exportações, conflitos em rotas marítimas e desvalorização cambial.

■ Repercussões contratuais e gestão de riscos

A elevação abrupta dos fertilizantes altera premissas econômicas consideradas na formação dos contratos, amplia a necessidade de financiamento e favorece conflitos entre produtores, distribuidores, cooperativas, fornecedores, tradings e instituições financeiras. A qualificação jurídica de cada situação depende da natureza do contrato, da distribuição pactuada dos riscos e da previsibilidade do evento alegado — em contratos entre agentes experientes, a variação de preço de insumos tende a integrar o risco ordinário do negócio, salvo alteração extraordinária e comprovada das condições originais.

Quadro jurídico — revisão, resolução, força maior e hardship

Instituto	Aplicação ao contexto dos fertilizantes
Revisão contratual	Exige vantagem extrema e evento superveniente, extraordinário e imprevisível — difícil em oscilação típica de commodity.
Resolução por onerosidade	Cabível quando a prestação se torna excessivamente onerosa para o devedor, com extrema vantagem ao credor.
Força maior / caso fortuito	Pressupõe fato inevitável e alheio à vontade das partes; alta de preço isolada tende a não caracterizar o instituto.
Hardship (cláusula)	Impõe dever de renegociação diante de desequilíbrio relevante, sem exigir prova de imprevisibilidade absoluta.

Repercussões sobre Contratos do Agronegócio

Os efeitos jurídicos decorrem de premissas econômicas consideradas na formação dos contratos. Tudo isso vai ampliar a necessidade de financiamento, pode comprometer cronograma de entregas e favorece o surgimento de conflitos na cadeia do agronegócio.

Incerteza quanto a momento de compra, estoque, preços e exposição financeira.

Tudo isso pode encarecer as operações de crédito rural, barter, CPR e os contratos de compra e venda futura de grãos.

■ Produção nacional e política de fertilizantes

O Plano Nacional de Fertilizantes foi instituído para ampliar a produção doméstica, diversificar fontes, estimular tecnologias e reduzir a exposição do país às importações. Seus resultados dependerão da viabilidade econômica dos projetos, da infraestrutura, do licenciamento ambiental, da disponibilidade de gás natural, da segurança regulatória e da continuidade das políticas públicas.

■ Conclusão

A trajetória iniciada na pandemia demonstra que os fertilizantes devem ser tratados simultaneamente como insumos agrícolas, ativos estratégicos e fatores de risco contratual. O acompanhamento do mercado internacional, a antecipação das compras, a diversificação de fornecedores, o uso eficiente dos nutrientes e a adequada estruturação dos contratos passaram a integrar a governança econômica das operações do agronegócio.

■ Recomendações

- **Produtores** — antecipar compras e diversificar fornecedores; monitorar o índice de fertilizantes do Banco Mundial e o câmbio.
- **Cooperativas** — dimensionar a exposição financeira decorrente da formação de estoques a preços voláteis.
- **Distribuidores** — negociar cláusulas de repasse e prazos compatíveis com a volatilidade do mercado internacional.
- **Assessorias jurídicas** — revisar minutas contratuais para incluir bandas de preço, hardship e dever de renegociação.

■ Referências

Banco Mundial — Índice de Preços de Fertilizantes (Fertilizer Price Index), séries 2020–2026.

Ministério da Agricultura e Pecuária — Plano Nacional de Fertilizantes.

Dados de comércio exterior — Importação brasileira de fertilizantes, valor médio por tonelada (2025–2026).

Globo Rural: sobre a safra 2026/2027.

Valor Economico: sobre a safra 2026/2027.

Visão ESGlaw: A BUSCA POR SEGURANÇA JURÍDICA

“

A crise dos fertilizantes evidencia uma transformação importante no agronegócio brasileiro: riscos antes considerados exclusivamente econômicos passaram a produzir consequências jurídicas relevantes. Contratos, crédito, logística, seguros e planejamento da safra tornaram-se cada vez mais dependentes de eventos geopolíticos ocorridos fora das fronteiras nacionais. Em um ambiente de elevada volatilidade, o diferencial competitivo deixa de ser apenas produzir mais; passa a ser antecipar riscos, estruturar contratos capazes de absorver choques extraordinários e incorporar a gestão jurídica como elemento permanente da estratégia empresarial.”